

29 SET 1993

ESTADO DE SÃO PAULO É burrice pra burro



Um time de craques às vezes joga como um bando de peladeiros

Uma situação como a que o Brasil enfrenta, de superinflação crônica com uma longa estagnação que já adentrou o que poderá ser a segunda década perdida, pode apresentar três saídas, conforme indicadas pela experiência nacional e internacional. Há a saída pela força, que tivemos em 1964 e cujo sucesso econômico chegou até 1973. O Chile é também exemplo de uma saída desse tipo. Outra saída pode ser precipitada por uma crise mais forte que a atual, da mesma forma que ataques cardíacos levam ao tratamento os que ignoram o coração doente ou postergam a terapia necessária. Argentina e Bolívia passaram por uma crise dessa natureza. A Rússia está vivendo uma. O diabo é que não se sabe o que vem com uma crise e ela pode trazer até mesmo a solução pela força. Como no Peru.

Há ainda a saída pela racionalidade. Ou seja, enfrentar o problema e tratá-lo para evitar a crise ou a força. Não contando milagres e pajelanças,

podre que o leitor carrega aí no bolso. Eventualmente, pode ser necessário um coadjuvante heterodoxo para matar a tal inflação inercial. Ele pode ser bonitinho, genial, mas nunca será o ator principal.

A saída racional tem poucos exemplos, infelizmente. Israel, em 1985, é um caso clássico, com o governo se entendendo com a oposição, combinando ortodoxia e heterodoxia, tudo de acordo com o figurino. Mas Israel é um país muito pequeno, unido por um senso comum muito grande, induzido em parte pe-

o tratamento é único, pois passa sempre pelo ajuste fiscal e monetário do setor público concordatário. Este tem de aumentar receitas, reduzir despesas, recuperar créditos, renegociar dívidas, arrondar e vender ativos (estradas e empresas estatais, entre outros) para levantar recursos e reduzir passivos conhecidos ou ocultos. Tudo isso lhe ensinaria também algo fundamental: deixar de cobrir buracos financeiros com a emissão dessa moeda realmente

los inimigos que o cercam. É também etnicamente mais homogêneo, culturalmente mais desenvolvido, donatário privilegiado de recursos externos e tudo o mais.

O Brasil não tem nada disso. Como disse um observador externo, é muito bagunçado para ser consertado. Não que o brasileiro seja burro, ainda que existam muitos, inclusive poderosos. Temos cidadãos inteligentes até demais, cada um defendendo muito bem o seu. Não é preciso recorrer ao Parreira para demonstrar que um time de craques às vezes joga como bando de peladeiros. Assim, estamos numa situação em que as inteligências individuais não se somam por serem incoerentes com o interesse coletivo, daí resultando um país que, como tal, está contaminado pela burrice. E é burrice pra burro! Por isso mesmo encalhemos e estamos ficando para trás.

Faltam hoje ao Brasil as vontades, lideranças, apoios e os mecanismos políticos e institucionais adequados para alcançar uma solução coletiva racional. Não temos nenhuma força hegemônica, seja ela político-partidária, ideológica, étnica, religiosa ou mesmo um ou mais líderes carismáticos que conseguissem conduzir o País pelo caminho da racionalidade.

Continuamos, assim, doentes,

imobilizados no leito da recessão e sem conseguir curar a infecção que leva à febre alta da inflação. O corpo é essencialmente sadio e por isso mesmo não se enfraquece rapidamente e demora a precipitar uma crise mais séria, que tornaria o tratamento inevitável. A infecção está mesmo é na cabeça, no governo e nas forças econômicas e sociopolíticas que o conduzem ou pressionam na direção errada.

Como aí não se vislumbra uma saída racional, o cenário mais provável é que as coisas vão piorar antes de melhorar, até chegar ao ponto crítico que precipitará o tratamento. FHC está tentando costurar algo racional no meio da irracionalidade Torço para estar errado, mas é pouco provável que dê certo. Se não der, a sucessão de Itamar poderá ocorrer em condições críticas. Como já foi dito, nunca se sabe o que vem com a crise. Pode vir um médico, mas pode vir também o abominável monstro da solução pela força. A lógica de buscar a solução racional é, assim, irrefutável. O problema é que, contaminado pela burrice coletiva, o País hoje não tem lógica nenhuma.

■ Roberto Macedo, professor de FEA-USP, é pesquisador do Fipe e do Instituto Fernando Brandel